

Assinaturas

Ano — — — Cr.\$ 20,00
 Semestre — Cr.\$ 12,00
 Pagamento Adiantado

O ECO

Anúncios e Publicações
 de acordo com a
 TABELA

REDAÇÃO
 RUA 15 DE NOVEMBRO N. 373
 CAIXA POSTAL N. 30

REDATOR-CHEFE: ORLANDO PAULETTI

DIRETOR: ALEXANDRE CHITTO

(ORGÃO INDEPENDENTE)

ANO IX

S. PAULO

Ubirama, 12 de MAIO de 1946

BRASIL

NÚMERO 420

Cousas do momento

ALEXANDRE CHITTO

O exodo das populações campezinas movimenta-se como um ciclone para os grandes centros, preocupando grandemente o governo, estando em primeiro lugar o de São Paulo, Estado em que o fenomeno mais se acentua.

O problêma, neste particular, é bastante complicado e soluções praticas para que as cousas não entrem num beco sem saída ainda não foram tomadas.

Triste e alarmante é atualmente a vida nas grandes cidades de colonos saídos do interior, iludidos pelos altos salários nas fabricas. Hoje, lá estão sem casa, encostando suas famílias em plataformas de estações ou debaixo de tendas improvisadas pobremente, expostas a inclemencia do tempo, justamente na época de frio.

O Caricaturista Belmonte, na «Folha da Noite» de quinta feira passada, estampou perfeitamente o movimento da gente camponesa que deixa a vida interiorana e ingressa na Capital.

Em quatro «sarges», Belmonte disse tudo. No primeiro quadro vê-se o caboclo sonhando com os arranha céos; no segundo, o trem que o leva atravez do interior com destino a S. Paulo. E na terceira «sarge», entretanto, lá está o caboclo, na grande cidade, metido sob uma pobrissima tenda, com sua familia. E finalmente, o Zé Povo gritando: «Cuidado! Vão ficando por aí. Si no interior a vida não é boa, aqui na Capital e horrível».

Ha razão e de sobra para tais afirmativas, resumidas em quatro caricaturas. Mas como deter a grande massa que se dirige principalmente a S. Paulo, centro que aparece como maior parque industrial da America do Sul?

Dando-lhe maior meio de instrução, higiene, assistencia social etc. Tudo, afinal, o que os interioranos vão em busca nas grandes cidades.

Mande o governo emissarios constatar como se vive na roça, fazendas e pequenos centros do interior. Vida simplesmente alarmante

E' preciso que o governo estude planos que venham beneficiar tambem as populações interioranas, porque, contrariamente, não haverá quem queira habitar fóra de S. Paulo ou outra Capital qualquer, futuramente.

Senhores Industriais

A Agencia Municipal de Estatística solicita, com a maxima urgencia, a devolução dos questionarios (REGISTRO INDUSTRIAL), devidamente preenchidos, com os elementos do ano de 1945, evitando dessa forma as penalidades estituidas por lei.

Agencia Municipal de Estatística em 11 de Maio de 1946.

Emanuel Canova

Agente Municipal do I. B. G. E.

Navios retidos no porto de Santos

Devido ás greves que se assinalam no porto de Santos, inumeros navios acha-se retidos sem poder descarregar a sua carga, de procedencia norte-americana, o que vem acarretar elevados prejuisos ao comercio.

D. Frei Luiz Maria de Santana faleceu domingo ultimo em Botucatu. A sua morte repercutiu profunda e dolorosamente no seio da população desta cidade.

Como é de dominio publico, ás 20 horas e 45 minutos, do dia 5 do corrente, em Botucatu, no Palacio São José, faleceu S. Excia e Revma. D. Frei Luiz Maria de Santana, Bispo Diocesano.

A noticia do desenlace circulou em Ubirama ás 19 horas, mais ou menos, com os sinos que passaram a dobrar a finados, espalhando-se rapidamente pela cidade, com profunda consternação do povo ubiramense, que tinha em D. Luiz, um grande Bispo e um grande amigo.

E' grandiosa e extensa a folha que constitue a primorosa vida eclesiastica de D. Luiz Maria de Santana, da qual destacamos alguns pormenores.

D. Frei Luiz Maria de Santana nasceu em Santana Italia, provincia de Padua, filho do sr. Luiz Culturato e de d. Jacinta Beldri Culturato, adquirindo a nacionalidade brasileira em 1937.

Em 1929 foi preconizado Bispo de Uberaba, por S. S. o Papa Pio XI, permanecendo n'quela Diocese durante nove anos, até 1938

E por Bula de 2 de Abril de 1938, D. Frei Luiz Maria de Santana, fora transferido para a Diocese de Botucatu, onde a morte, a 5 do corrente, veio encontra-lo, abrindo uma grande e irreparavel lacuna no seio do cléro nacional

Eximio orador e profundo conheedor da psicologia popular, coração bondoso e leal para com os seus diocesanos, o povo de Ubirama, desde que conheceu o terceiro Bispo de Botucatu teve nele um grande prelado, um grande pastor e um grande pai.

E por isso, nesta hora, acha-se profundamente cons-

ternado pelo desaparecimento do seu Bispo.

E a imprensa local que sempre admirou sinceramente D. Frei Luiz Maria de Santana aqui deixa seus pesares á Igreja Catolica nacional, representada nesta cidade pelo Padre Salustio Rodrigues Machado, Vigario da Paroquia, que tambem, agora curte conosco a grande magua.

Torneio Varzeano de Futebol.

Domingo ultimo, com a participação de nove quadros: Virgilio Rocha F. C. - Faturina F. C. - Pedreira F. C. - Alfredo Guedes F. C. - Faturinha F. C. - São Luiz F. J. - São José F. C. - Bocaina F. C. e F. C. Independencia, realizou-se, no campo desta cidade, o torneio varzeano de Futebol.

Depois de interessantes disputas, colocou-se em primeiro lugar o Virgilio Rocha F. C. e em segundo o Faturina F. C.

Curso de Preparatorios

Acham-se abertas as matriculas para o curso de preparatorios ao Ginasio. Fratar com as professoras Carmem Vieira da Silva e Aracy Salles, no Hotel Central.

A China adquiriu 75.000 toneladas de arroz Brasileiro.

Noticia-se que o Brasil fornecerá 75.000 toneladas de arroz á China.

Prefeitura Municipal de Ubirama

Decreto N. 4

O Prefeito Municipal de Ubirama, usando da atribuição que lhe confere o Decreto-Lei Estadual n.º 13.030, de 28 de outubro de 1942, artigo 12 "ESTATUTO DOS FUNCIONARIOS PUBLICOS CIVIS MUNICIPAIS" e disposto no titulo I - capitulo I e II, do citado Estatuto, resolve:

Artigo 1.º — Nomear o Sr. JESUS JOSE DE SOUZA, para o cargo de ZELADOR interino no distrito de BOREBI, ficando assim sem efeito a Portaria n.º 240 de 1-8-1945.

Artigo 2.º — Este decreto executivo entrará em vigor na data de sua publicação revogadas as disposições em contrario.

Prefeitura Municipal de Ubirama, 10 de Maio de 1946.

José Salustiano de Oliveira
 Prefeito Municipal

O primeiro aniversario da Vitória comemorado nesta cidade.

No dia 8 do corrente, transcorrendo o 1.º aniversario da «Vitória», foi solenemente comemorado nesta cidade.

No Cine Guarani realizou-se significativa e patriótica manifestação civica, tomando parte autoridades e numeroso povo.

O prof. João B. Viana Nogueira, falou demoradamente sobre a data, cujas palavras foram aplaudidissimas pelos presentes.

Sob a regencia da Sta. Profa. Aracy Salles, foram executadas pelo Orfeão Infantil, duas belas canções: «DEUS SALVE AMERICA e A VOLTA DO EXPEDICIONARIO».

A Poesia - Conforme me parece que anda

(Copyright do D.E.I., Exclusivo para "O E'CO" na cidade de UBIRAMA.)

Fernando Mendes de Almeida

Pareceria bizantinismo discutir o assunto. Mas, como surgiu numa conversa de bar de bar, desde logo, propendo a consagra-lo como sério. Aliás, nos bares e nos cabarés se tem grandes coisas. Mas, voltando a vaca fria, porto-me ao assunto.

Numa conversa de bar, sustentou-se que, em consequencia de interesse enorme que a literatura vai tendo, já é possível a poesia brasileira, até mesmo a chamada «moderna» ter sua estatística de bons compreendedores.

Em primeiro lugar, não vejo vantagem em compreender poesia. Já disse isso varias vezes e, ainda que apedrejado, é o meu pesamento. Poesia foi feita para ser sentida. Em segundo lugar, uma realização de arte pode estar ligada ao publico, sem, contudo, precisar da consagração desse mesmo publico, afim de ter o seu justo valor. Em terceiro lugar, é preciso não confundir o leitor passivo e ativo, isto é, que lê livros dos outros e escreve livros, com o leitor que, eficientemente corresponderia a uma expressão provavelmente economica não somente quanto ao editor, como quanto ao autor. Tomando a palavra «leitor» em seu sentido aproveitavel, isto é, como todo aquele que é incapaz de escrever, a poesia brasileira ainda está pedindo esmola. Se os poetas, alguns mesmos compran-

do livros de colegas, são leitores da poesia brasileira, isso não é êxito da poesia propriamente. E' vitoria da solidariedade. Dificil, será, no entanto, situar si uma base para que se afirme que a poesia já tem leitores. Aumentou sim, a estatística dos poetas, e, por isso, aumentaram as proporções da solidariedade. Mesmo assim, o leitor inofensivo a escrita continuou docemente a preferir romancelhos, porque ele está no caso de ser comprado aos que, segundo Mario de Andrade, «tem olhos mudos» - lesão essa que não rima com a poesia. O resultado é que esse leitor continua a esperar o romance do mocinho que casa em fim, assim como ha vinte anos a traz acabava com raiva de Machado de Assis por causa da solução que o escritor impôs á madrastra de Yayá Garcia. Está claro que se êsse tipo de leitor é a regra, não ha por assim dizer clima para a poesia. O que se pode dizer, apenas, é que entre os poetas, já ha muitos que gostam da poesia que os outros escrevem. Como isso não adianta nada, a poesia continua por aí, ora fraca, ora forte, sendo certo que continua em «deficit» para consigo mesmo

Anunciem neste jornal

Alfaiataria Cicconi

(Confecções a Capricho)

Giovanino Cicconi

Mantem sempre em estoque linhos nacionais e estrangeiros, casimiras de alta qualidade.

Rua 15 de Novembro, 583 - Est. S. Paulo

UBIRAMA

ESCRITORIO COMERCIAL "OLIVEIRA"

Depart. Com. e Contabil.

Alfredo O. Capucho

Rua Tibiriçá n. 530
Caixa Postal, 9 - UBIRAMA

Depart. Juridico.

Dr. JOÃO FERREIRA SILVEIRA

Rua 13 de Maio N. 261
AGUDOS

Somente em Setembro proximo é que a voltagem da energia elétrica desta cidade poderá ser melhorada.

Diante das inumeras solicitações que temos feito, nestas colunas, a Companhia Paulista de Força e Luz, quanto á deficiência da iluminação publica nesta cidade, no dia 2 do corrente, esteve em nossa redação o sr. Ormino de Andrade Cesar, Chefe da Divisão de Bauru, informando-nos que sómente em Setembro proximo poderá ser

melhorada, não obstante todos os esforços da Companhia.

A fraca voltagem atualmente reficada é motivada pelas inumeras reparações, nas diferentes Usinas, no Estado, que a Companhia Paulista de Força e Luz está procedendo, com a finalidade de solucionar, de uma vez por todas, o atual estado de cousas.

SUPLEMENTO DO "O E'CO"

Avisamos que a remessa do Suplemento do «O ÉCO será continuada

somente para aqueles que tiverem a sua assinatura feita.

Banco Nacional da Cidade de S. Paulo, S.A.

FUNDADO EM 1924

Capital Cr. \$ 12.300.000,00

Fundos de Reserva Cr. \$ 17.505.595,40

SÉDE CENTRAL: São Paulo -
Rua São Bento, 341

FILIAIS:
Curitiba, Rio de Janeiro e Santos.

AGÊNCIAS: Barra Mansa (Estado do Rio) — Araguaçu - Botucatu (Estado de S. Paulo) — Cambará (Estado do Paraná) — Campinas-Cruzeiro — Jaboticabal — Jacaré — Jau-Lorena — Mogí das Cruzes — Mogí Mirim-Pinhal — Piracicaba — Presidente Prudente — Santa Cruz do Rio Pardo — Santo André — Sertãozinho — Taubaté - Ubirama - (todas no Estado de São Paulo) e Agências Urbanas Central, Norte (Brás) e Oeste (Luz).

Taxas para Contas de Depósitos

C/C. Movimento Juros 3% aa
C/C. Limitadas Juros 5% aa.
Depósitos a Prazo Fixo e com Aviso Prévio — taxas especiais a combinar.

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

Agência em UBIRAMA: Rua 15 de Novembro, 779

EDITAL

De 1.a praça com o praso de 20 dias.

Eu, o Dr. José Teixeira Pombo, Juiz de Direito desta cidade e comarca de Agudos.

FAÇO saber aos que o presente edital de 1.a praça com o praso de vinte dias virem ou dele conhecimento tiverem que, no dia 29 de Maio p. futuro, ás 13 horas, em frente ao edificio do Fórum e Cadeia, nesta cidade de Agudos, o porteiro dos auditorios ou quem suas veses fiser, levará em praça os bens pertencentes ao finado João Pacca, arrecadados por este Juizo, conforme processo de arrecadação que corre pelo Cartorio do 2.º officio, que conforme laudo de avaliação, consistem em uma casa e respectivo terreno, situados a rua Libero Badaró, sob n. 84, coberta de telhas, com tres modos internos com paredes de barro, com o respectivo terreno medindo vinte e dois metros de um lado e oitenta e quatro de outro, e, ainda, conforme auto de arrecadação, mede o terreno vinte e dois metros na rua 13 de Maio, dividindo pelos fundos com Joaquim de Oliveira Lima e de outro lado com a avenida Virgilio Rocha, avaliados por (r.\$ 2.200,00 (dois mil e duzentos cruzeiros.) - Dos respectivos autos consta uma certidão do Oficial do Registro de Imoveis desta comarca, da qual se verifica que, sobre os bens óra levados a praça, não consta que João Pacca houvesse constituído hipoteca ou outros quaisquer onus reais. - E assim serão ditos bens levados á praça, no dia, hora e lugar acima referidos e arrematados por quem mais der e maior lance oferecer acima do preço da avaliação. E para que chegue ao conhecimento de quem possa interessar, mandei expedir o presente que será afixado e publicado na forma da lei. - Agudos, 30 de Abril de 1946. Eu, **Vicente Ferreira Silveira**, escrivão, subscrevi.

O Juiz de Direito,

(a) José Teixeira Pombo.

Assinem Leiam e Propaguem - O E'CO -

Bar e Restaurante «PAULISTA»

- DE -

Vitorio Coneglian

Bebidas nacionais e estrangeiras, doces, petisqueira á toda hora.

Rua 15 de Novembro, 813

Fone, 60

UBIRAMA

FUTEBOL

A postos o C. A Lençoense e o Agudos F. C. para mais uma sensacional disputa futebolística em continuação ao torneio da 5.a Região.

Esta tarde, os pupilos de Sandro terão mais um serio compromisso a solucionar, enfrentando, nesta cidade, o afamado conjunto do Agudos F.C. o qual pisará o nosso gramado em perfeita fórma e integrado de todos os seu titulares: Carabina, Dinho, Leopoldo, Gatinho, Gutti e outros bem conhecidos da torcida ubiramense.

E conhecedor desse motivo, o tecnico Sandro tera feito os devidos e imprencendiveis preparativos para que a turma sob a sua orientação possa apresentar-se disposta a uma jogada sensacional, digna do seu valor e capaz de garantir se os louros da vitoria. Porque, uma derrota, hoje, diante do Agudos F. C., principalmente em nossa «canha» representará para o C. A. Lençoense o definitivo ato que porá por terra todas as suas esperanças para uma ótima colocação no torneio da região.

Os lençoenses, esta tarde, se quiserem fazer jús ao valor e ao seu afamado cartaz, deverão atuar com uma disposição bem mais acima da

demonstrada duas vezes ultimamente, em Bauru e, no dia 1 do corrente, em Botucatu, que por falta de uma harmonia mais acentuadamente no conjunto, os nossos rapazes não conseguiram um exito que lhe garantisse a vitoria. Dois magros empates e uma derrota, tudo porque o nosso onze não se compreendeu nas jogadas, não funcionou como uma só peça mecanica como, aliás, podia ter jogado.

Todavia, o passado já se foi esquecido pelos «fans de Beifare, Nuccio, Limão, Imparato, David, Tite, Bizorro, Pipóca, Ilmo e outros, hoje, os mesmos «fans» estão numa grandiosa espectativa, esperam a vitoria, a vitoria conquistada em espetaculares lances.

O Agudos F. C. é um excelente conjunto e um pequeno descuido da turma de Sandro, será o bastante para nos fazer descer da tabela. E agora, um tal acontecimento, que não pode ser muito difficil, até... á volta.

Mas, a torcida tem fé no tecnico Sandro na destemida turma que está sob a sua sábia orien-

tação, quanto ao jogo desta tarde. Temos certeza, que o conjunto do C. A. L. saberá impor-se galhardamente diante do seu valoroso adversario. Esperemos.

O cadaver de Mussolini está prestes a ser encontrado.

Autoridades milanezas divulgam que o cadaver de Mussolini, ratado do cemiterio de Milão ha poucos dias, está prestes a ser encontrado. Dois dos individuos que participaram do roubo já foram capturados pela policia, confessando o nome dos seus companheiros.

A SÍFILIS

É UMA DOENÇA GRAVÍSSIMA MUITO PERIGOSA PARA A FAMÍLIA E PARA A RAÇA. COMO UM BOM AUXILIAR NO TRATAMENTO DESSE GRANDE FLAGELO USE O

ELIXIR DE NOGUEIRA

A SÍFILIS SE APRESENTA SOB INÚMERAS FORMAS, TAIS COMO:

- REUMATISMO
- ESCRÓFULAS
- ESPINHAS
- FÍSTULAS
- ÚLCERAS
- ECZEMAS
- FERIDAS
- DARTROS
- MANCHAS

"ELIXIR DE NOGUEIRA"

CONHECIDO HA 43 ANOS VEM SE EM TODA PARTE

«Medicação auxiliar no tratamento da sífilis».

Ubirama precisa de maior numero de ruas calçadas

Com a construção de inumeros predios valiosos, situados nos principais pontos da cidade, seria uma injustiça, até, deixar as ruas da cidade, as mais centrais, desprovidas de calçamento. Pois neste caso os proprios edificios sofrerão uma certa desvalorização, ainda que os seus proprietarios tenham o gosto de construi-los com os melhores materiais.

Sem o devido calçamento nas proprias ruas, não constituirão os predios que deverão ser.

Portanto urge que a nossa cidade tenham maior numero de ruas calçadas. Assim sendo a administração publica, terá concorrido ao esforço do seu povo.

Dr. João Paccola Prima

MÉDICO

Clinica geral de adultos e crianças - Cirurgia - Partos

Doenças do Ouvido, Nariz e Garganta

Ex-interno por concurso do Pronto Socorro do Rio de Janeiro — Ex-interno por concurso da Maternidade do Hospital São Francisco de Assis á cargo do Dr. Aguinaga. — Ex-interno residente da Casa de Saúde São Jorge (Rio de Janeiro)

Caixa 35 — Fone, 48 — UBIRAMA — Estado de São Paulo

Aprovado com Distinção

Quando a gente não tem o que fazer começa a meter o beldelho em particularidades alheias. Assim aconteceu comigo uma noite destas.

No Cinema, assistindo a um filme, estava eu sentado na fila apenas atrás de um elegante pár.

E como haviam alguns minutos de sobra para o início da sessão, não sabendo de que maneira matar o curto tempo, procurei qualquer passatempo que me tirasse daquela impaciência.

Então, veio-me a ideia, de contar quantas vezes a jovem aprovava e contrariava a palestra do seu interlocutor, meneando a cabeça.

E... pumba, marcando o relógio.

Pois, olhem, amigos, em seis minutos, a elegante "girl" afirmou onze vezes contra quatro negativas.

Ora, pensei, quando o operador deixou a plateia no escuro, o moço está aprovado e... com distinção.

LISSER

Aniversários

Fazem anos:

Hoje, a menina Erinéa Biral e o sr José Coneglian.

Amanhã, a sra. Josefina M. Moretto, esposa do sr. Vicente Moretto; e o menino Mario Silvio Batistela.

Dia 14, a sra. Virginia B. Canova, esposa do sr. Evaristo Canova; o jovem Atilio Brega, a menina Flavia Beredeti e a menina Leoni, filha do sr Artur Nelli.

Dia 15, o sr. Anelo Caponi.

Dia 16, a menina Geiza Terezinha Paccola, filha do sr. Angelo Augusto Paccola e d. Jupira de O. Paccola.

Dia 17, a sta. Maria Aparecida, filha do sr. Fernando Frezza.

Dia 18, a menina Maria Antonia Baccili e o menino Alairto filho do sr Leonildo Baccili, residente em Ourinhos.

Casamento

As 8 horas do dia 19 do corrente, realizar-se-á, na Igreja Matriz desta cidade, o enlace matrimonial do jovem Dionizio Ceschini com a sta. Aleida Basso, filha do sr. Guido Basso e de d. Delinda P. Basso.

Falecimento

Acaba de falecer, nesta cidade, às 15 horas do dia 8 do corrente, o ilustre cidadão e antigo morador desta cidade, sr. José Augusto Macha-

do. Era o saudoso extinto muito relacionado em nosso meio social, deixando um largo círculo de amigos e parentes. Aqui chegado em 1913, foi por espaço de cerca de trinta anos, funcionario federal, onde se aposentou. Homem de grande iniciativa e muito empreendedor, aqui foi proprietario, lavrador e industrial, não deixando de muito contribuir para o progresso de Ubirama. Nasceu o saudoso extinto em Tietê, em 23 de Março de 1880. Deixa viuva D. Maria de Oliveira Machado e os seguintes filhos: dr. Benedito de Oliveira Machado, advogado em Birigui, casado com D. Maria de Lourdes Bittencourt Machado; D. Diva Machado Canova, viuva do sr. Augustinho Canova e dr. José Augusto de Oliveira Machado, médico em Braúna, casado com D. Louizete Morrey Machado. Deixa ainda nove netos e inumeros parentes.

O seu enterramento realizou-se dia 9, às 14 horas, sendo grande o numero de amigos e conhecidos do finado, que acompanharam os seus restos mortais até a sua ultima morada, no cemitério local.

Missa do 7.º dia

A familia Machado, ainda consternada com o doloroso golpe que sofreu, com a perda irreparável de seu extremado chefe José Augusto Machado, falecido nesta cidade, às 15 horas, do dia 8 do corrente, vem por meio deste convidar os seus amigos e parentes, para a Missa do sétimo dia, que será realizada no dia 15 do corrente, às 8 horas na I-

greja Matriz local, por intensão de sua alma. Por esse ato de religião, se manifesta desde já imensamente agradecida.

Agradecimento

D. Maria de Oliveira Machado, viuva; dr. Benedito Augusto Machado e d. Maria Bitencourt Machado; d. Diva Machado Canova, dr. José Augusto de Oliveira Machado e Louizete Morrey Machado, filhos e nórás do saudoso extinto, José Augusto Machado, além dos netos e demais parentes, vêm por meio deste confessar sua eterna gratidão a todos aqueles que acompanharam os restos mortais do finado, até sua ultima morada e que os confortaram com sua amizade e ajuda.

Impossibilitados de agradecer pessoalmente, a cada um, servem-se das colunas deste jornal, pedindo que as bençãos de Deus retribuam esses atos de religião e amizade.

O PRECEITO do DIA

Iluminação uniforme

As grandes diferenças de iluminação, entre os vários pontos de uma sala, onde se lê ou trabalha, são tão prejudiciais á vista quanto á iluminação deficiente ou excessiva. Ao desviar-se a vista do livro e dirigi-la para outro ponto menos iluminado, os olhos são obrigados a um rapido e violento esforço de adaptação. A repetição desse esforço leva-los á rapidamente á fadiga.

Poupe seus olhos, iluminando com uniformidade os vários pontos de sua sala de trabalho ou estudo. — SNES.

Prédio do Banco Nacional da Cidade de São Paulo.

Com a remoção da primeira terra, teve inicio o grandioso predio do Banco Nacional da Cidade de S. Paulo, a ser edificado em Ubirama. Como já tivemos ocasião de fazer ligeira allusão, o magestoso edificio amontará á importancia de 400.000.00 Cruzeiros, aproximadamente.

Será uma grande riqueza que a nossa cidade conseguirá com a construção do novo predio. Pois além de ser grande em tamanho será grande em sua beleza a quitetônica. Possuirá uma fachada que será o maior ornamento, em arg massa e cimento, da principal artéria publica ubiramense.

FRACOS 2 NEMICOS!
Tomem:
VINHO CREO OTADO
Do Ph. Ch. João de Silva Silveira
Empregado com exito nas:

- Tosses
- esfriados
- Bronchites
- Escrophulose
- Convalecções

INH. CREOSOTADO
e um geador de saúde

A Prefeitura deve tomar terminantes medidas

contra os cães que andam perambulando pelas vias publicas da cidade

Para á grande quantidade de cães vagabundos que andam soltos pelas vias publicas da cidade, a Prefeitura deve tomar medidas terminantes para acabar com tais animais inuteis.

Continua o impasse entre Russia e Aliados quanto ao caso da Italia e Balcans.

As noticias de ultima hora são de que houve completo malogro da conferencia dos chancelers principalmente quanto ao caso da Italia e Balcans. A Russia mostra-se intransigente, o que obrigou o Conselho a adiar novamente as discussões.

Dr. Antonio Tedesco

MÉDICO

CLINICA GERAL — OPERAÇÕES — PARTOS

Florianô Peixoto, 345 — UBIRAMA — Fône, 61

QUE SÃO OS COMETAS ?

DE INÁCIO PUIG — Diretor do Observatório São Miguel (Argentina)

Em todos os tempos a crença popular se sentiu, repetidas vezes, empolgada pelo temor de um incêndio total da terra. Uma espécie de fim do mundo... Provavelmente esse estado de ânimo tinha suas razões com o aparecimento súbito, de tempos em tempos, desses astros vistosos — os cometas — que de vez em quando perturbavam a majestosa regularidade dos céus. Sejam justos com os nossos antepassados; numa época em que se desconhecia a verdadeira natureza dos cometas e em que não se sabia que muitos deles são membros regulares do nosso sistema solar, era perfeitamente natural assustar-se, vendo aparecer, de repente, no firmamento, astros tão estranhos e imponentes como os cometas de 1811, de 1843 ou o de 1853, para citar apenas os mais importantes do século passado?

E tinham razão, realmente. Vejamos, por exemplo, o cometa de 1843, cuja cauda media aparentemente 40° de longitude, ou seja 80 vezes o diâmetro da Lua. Ora, se ainda hoje em dia, o espírito mais culto, com dificuldade pode abster-se de emoção na frente de fenômenos celestes tão anormais, ainda hoje — repetimos — que a ciência tem dados precisos sobre a natureza e curso dos cometas, que deveria ter sucedido na Idade Média e nos tempos mais remotos da antiguidade, quando se olhava esses estranhos visitantes através de uma imaginação obscurecida pelo temor e pela ignorância!

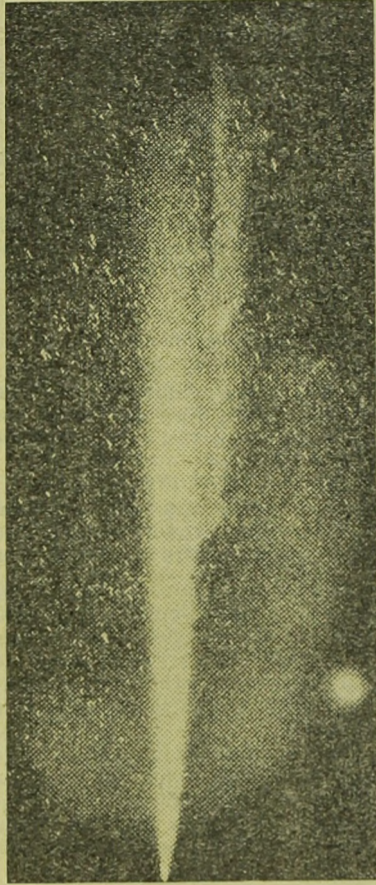
As antigas crônicas com descrições terríficas e cenas por demais curiosas, além de desenhos

antigos, nos oferecem imagens sumamente cômicas e extremamente pitorescas, contribuindo para aumentar o temor e excitar a fantasia.

A humanidade inteira, sem exceção nem mesmo dos gênios e dos maiores potentados, estava sempre inclinada a responsabilizar esses sinistros astros por tudo que acontecesse, chegando ao ponto de criar-se a lenda de que os cometas não tinham outra finalidade, ao aparecer, que anunciar terribes calamidades.

Ainda havia mais. Era crença muito arraigada entre os povos, da qual participavam também os astrônomos, ou melhor, os astrólogos, que o aparecimento de um cometa poderia ocasionar à Terra as mais espantosas catástrofes. Diziam-se que esses astros eram capazes de destruir em um instante tudo quanto existisse no globo e — para outros — a aproximação de semelhante fenômeno podia provocar nos mares da Terra, por efeito da atração, ressacas gigantes, capazes de inundar todos os continentes.

Mas, a verdade é que não precisamos ir tão longe. No ambiente mesmo das massas populares dos nossos dias, persiste, ainda, fluante, a idéia dos malefícios, que herdamos das gerações passadas. É que a humanidade não se esquece assim tão facilmente das preocupações herdadas dos antepassados. As suas idéias científicas não exercem nenhuma influência sobre



O cometa de Halley fotografado na sua última aparição

as massas populares. Em pleno século XX tivemos um exemplo típico, com o aparecimento do cometa Halley, em 1910. Quantos e tão exagerados temores não alimentaram, naquela época, os povos? A julgar-se pelo que esperava a credence popular, a Astronomia se achava ainda como nos tempos da Idade Média, pois como se não existisse nenhuma ciência, se divulgaram entre as turbas os mais sinistros presságios de desolação e catástrofes.

Hoje em dia, que a astronomia realizou tão estupendos progressos, podemos precisar, um pouco mais, a transcendência que teria para a Terra o choque com algum cometa, na base, está claro, de nossos conhecimentos acerca de sua natureza. Contudo, forçoso é confessar que ainda restam, nesse ponto, não pequenas incógnitas e diversos extremos para elucidar.

A aparência externa de quase todos os cometas, sobretudo nas proximidades do Sol, é de um núcleo brilhante de pouca extensão e de aspecto estelar rodeado de uma espécie de cabeleira que junto com o núcleo constitui a cabeça, porém o mais característico dos cometas é a cauda, que, como um prolongamento luminoso para o espaço, em sentido oposto ao Sol, se estende por distâncias verdadeiramente prodigiosas. A luz que nos chega dos cometas tem duas origens: uma parte procede do Sol ainda que difundida pela matéria do astro, como a que nos

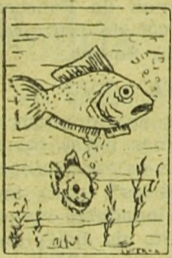
refletem as nuvens, e outra parte é luz própria, de composição variável, segundo proceda do núcleo, da cabeça ou da cauda.

Atualmente se admite que o núcleo dos cometas é constituído por um enxame de meteoritos, partículas sólidas, que como um bando de pássaros viajam na mesma marcha. Nesta hipótese o calor resultante da sua proximidade ao Sol determinaria o desprendimento de gases fechados nos fragmentos sólidos, dando assim origem à cabeleira e à cauda.

Contudo, Baldet, astrônomo do Observatório de Paris, é de opinião que o núcleo, em regra geral, é formado de um grande meteoro único, quer dizer, de um corpo mineral sólido, de dimensões relativamente pequenas, por exemplo, da ordem de um quilômetro de diâmetro, com grande quantidade de gases.

Em qualquer dessas hipóteses os cometas viriam a ser uma espécie de colossais bólidos, aos quais a força propulsora provém da atração solar e o desprendimento de gases teria lugar pela parte anterior, embora, imediatamente depois se trasladasse à parte posterior, por efeito de uma força repulsiva. Sob a influência de diversos agentes, particularmente da temperatura, o núcleo dos cometas se desagregaria com o tempo, semeando toda sua rota de meteoritos que se soltariam uns dos outros, ainda que seguindo a mesma órbita, para formar uma verdadeira esteira de partículas sólidas, que, em seu encontro com a Terra, dariam lugar a verdadeiras chuvas de estrelas.

O PALADAR E O OLFATO ENTRE AS AVES, OS PEIXES E OS INSETOS



No homem e nos mamíferos, a língua é o único órgão do paladar.

Todas as outras mucosas da boca não servem mais, ou nunca serviram, para essa função fisiológica.

Entre as aves, acontece justamente o contrário. De todas as partes da região bucal, somente a língua, revestida de uma espécie de tecido córneo, é excluída das funções do paladar.

No que concerne aos peixes, as experiências feitas nesse sentido provam que eles têm a vantagem de distinguir não somente o sabor dos alimentos já introduzidos na boca, como também o dos alimentos em contacto com a parte exterior do seu corpo.

Tal propriedade é devida ao fato de possuírem os peixes corpúsculos dotados da faculdade do gosto espalhados por toda a superfície exterior da cabeça, por toda a região abdominal, e, em algumas espécies, pelas partes inferiores das nadadeiras e da cauda.

É muito provável, portanto, que os peixes sejam avisados da vizinhança de certos alimentos, não somente pelas sensações do olfato, como também pelas do paladar.

Podemos afirmar que, em quase todos os habitantes da água, os sentidos do paladar e do olfato, têm por vezes, uma agudeza e uma finura nunca vistas nos animais superiores, inclusive o homem.

É sabido, por exemplo, que as "piranhas", esses peixes que são o flagelo dos rios sul-americanos e

O faro das piranhas — A volúpia da mosca — A percepção sutil das borboletas — Os sentidos excepcionais das abelhas

medem apenas trinta centímetros de comprimento, devoram em alguns instantes, com seus dentes possantes e agudos, a carne de suas vítimas — homens, bois, cavalos, etc. — que tenham tido a infelicidade de cair no rio.

Basta, para esses peixes horrivelmente vorazes, que algumas gotas de sangue caiam, mesmo a grande distância, nas águas em que eles se movem, para que se precipitem em bandos numerosos na direção do local em que se encontra a vítima, e aí consumam sua obra de destruição.

Entre os insetos, porém, qual será o órgão do paladar?

As moscas, que frequentam nossas cozinhas, apreciam a qualidade dos alimentos unicamente pelas suas patas, a bem dizer com a sua última articulação, onde se encontram as papilas.

Logo que suas patas entram em contacto com água açucarada, por exemplo, toda a mosca se agita, como se "a água lhe viesse à boca", e ela estende sua tromba para sugar o líquido com volúpia.



Entre as abelhas, as borboletas e entre muitos outros insetos, o órgão do paladar é, do mesmo modo, localizado nas patas.

O americano Anderson, que tem feito inúmeros estudos sobre as borboletas, pôde calcular que as patas desses

bichinhos possuem, a se julgar pela quantidade de açúcar dissolvida na água, uma faculdade de discernir o sabor 1.200 vezes maior do que a da língua humana.

Por seu lado, o professor Frisch, de Munich, apresenta pormenores interessantes sobre o paladar entre outras espécies de insetos.

Entre as abelhas, por exemplo, o sentido do paladar é tão desen-

RECORDE DE LONGEVIDADE

Segundo a observação dos naturalistas o recorde de longevidade pertence aos crocodilos, com 250 anos; depois vem os elefantes, de 150 a 200 anos; as tartarugas, 150; as águias, 100; os cisnes, 100; os corvos, 100; os rinocerontes e os leões, 60; os papagaios, de 50 a 80 anos; os gansos e os camelos, 50; os abutres, 40, os touros e os veados, 30; os asnos, de 25 a 30; os cavalos, de 20 a 25 anos; os porcos, as vacas e os lobos, 20; os gatos, 18; os cães, de 15 a 25; os cordeiros, 15; grilos, canários, pardais e cabras, 10; coelhos, 8; as lebres, os esquilos e as aranhas, 7; as abelhas, 1. Finalmente, as moscas vivem apenas alguns dias. Mas há insetos que vivem apenas algumas horas e muitos que só vêm a luz alguns minutos.

volvido, que elas são capazes de reconhecer uma solução açucarada diluída ao extremo de um por cento.

Por isso mesmo, são as abelhas muito exigentes no que diz respeito à qualidade do nectar que arrecadam.

Sem o auxílio da química, não poderíamos nunca chegar a explicar por que certas flores, muito bonitas e de cores muito vivas, são geralmente desdenhadas pelas abelhas.

Efetivamente, as análises químicas sobre a quantidade de açúcar contido no nectar das flores, há alguns anos, atingiram um grau de perfeição tal, que se pode hoje percebê-la entre certas espécies florais em que o nectar se contém em quantidades tão pequenas que é difficilimo recolhê-lo.

Deste modo, tem sido possível a solução de muitos problemas relativos às preferências das abelhas e das vespas.

Um líquido, em que o açúcar não representa mais de oito ou nove por cento da solução, geralmente é desdenhado por esses insetos. A colheita não paga a pena. E sabemos quanto as abelhas apreciam o valor do tempo e do trabalho. O nectar deve conter pelo menos dezessete por cento de açúcar para que mereça a honra de ser recolhido pelas abelhas.

Entretanto, isto é um mínimo. As abelhas normalmente não se detêm senão, em flores em que o líquido procurado contém de trinta e cinco a cinquenta por cento de açúcar.

Uma pata aplicada ao âmago da flor basta para a informar, graças às papilas que se acham espalhadas na parte inferior dos seus membros articulados.

Quando o nectar contém mesmo setenta por cento de açúcar, as abelhas dele se apropriam com avidez perfeitamente explicável. E os observadores da vida desses insetos puderam verificar que nessas "grandes ocasiões", as abelhas, logo que voltam à colmeia, executam uma espécie de dança ritual, congratulando-se ou dando graças a Deus pelo achado.

Além disso, várias experiências têm sido feitas sobre a capacidade dos estômagos das abelhas, a fim de se conhecer a quantidade de nectar que eles podem conter. E tanto mais açucarado é o alimento, mais a capacidade do estômago aumenta!

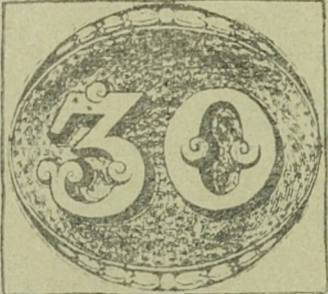
Assim, para os nectares muito açucarados, tal capacidade chega a cinquenta e sete milímetros cúbicos. E, ao contrário, desce a trinta e um milímetros cúbicos apenas, se o teor do açúcar no nectar é mais fraco.

Tal relato faz-nos pensar que os outros animais são mais perfeitos do que o homem, ou que este é um mau observador de si próprio.



Uma incursão pelo mundo dos colecionadores de selos

DATA de 1842 a reforma do velho sistema postal do Brasil, que vinha dos tempos da colônia. O país ainda estava longe da era ferroviária, que, começando pelas alturas de 1850, só tomaria impulso considerável no último quartel do século XIX. Os serviços do correio eram executados por estafetas que a pé, a cavalo ou por meio de barcas, faziam o trajeto a seu cargo, cortando em todos os sentidos as zonas mais povoadas do território nacional. Para tanto, desfrutavam de todas as garantias, tendo preferência absoluta no uso dos meios de transporte existente em



O "ólho de boi"

determinada região. Podiam mesmo requisitar a cooperação de particulares para a condução de suas malas.

A 29 de novembro de 1842, o Decreto n. 255 veio estabelecer novas normas para a atividade postal. Tinha-se em vista, além de outros objetivos acessórios, este, que não podia deixar de ser essencial: a elevação do porte para fazer face ao "deficit" da repartição competente, cuja receita se elevava apenas a oito contos de réis.

O artigo 5.º do aludido Decreto estipulava textualmente: "Serão o fixados nos sobrescritos tantos selos quantos perfizerem a importância do porte da carta, ou papel, que remete".

Tratava-se de uma inovação. Apenas um país no mundo já usava tal sistema para fixação das taxas devidas ao detentor do privilégio dos correios — no caso o Estado. Nessas circunstâncias é que foram formuladas oficialmente as bases para a emissão do primeiro selo postal adesivo aparecido no Brasil.

O SERVIÇO DE CUNHAGEM

Antes de mais nada, tratou-se do serviço de cunhagem para a impressão posterior das pequenas peças de papel. A Diretoria Geral dos Correios, de acordo com Max Fleiuss ("História Administrativa do Brasil", segunda edição, pág. 204) funcionava desde 1829, no Rio de Janeiro, à rua Direita, na vizinhança da antiga Casa dos Governadores. Compunha-se então de um diretor-geral, um oficial-maior, dois oficiais e dois amanuenses. As funções do primeiro cargo tinham sido atribuídas ao conselheiro Bernardo Jacinto da Veiga, falecido em 1845.

Contudo, não foram a esses funcionários que se deu a missão de elaborar o primeiro selo do Brasil, e sim ao mestre da oficina de gravuras da Casa da Moeda, Carlos Custódio de Azevedo, que preparou as matrizes e chapas de impressão. Secundou-o na tarefa o seu auxiliar Quintino José de Araújo.

Supõe-se que o modelo apresentado (veja-se a propósito artigo de Paulo Aires e F. da Nova Machado, "in" "Boletim Filatélico Bandeirante", vol. II, n. 4, de 1 de agosto de 1943) houvesse sido em dos selos da Inglaterra emitidos em 1840, posteriormente recusado e substituído por outro de falsificação mais difícil.

Aquêles dois modestos artifices, Carlos Custódio de Azevedo e Quintino José de Araújo, dando execução a uma tarefa burocrática, mal poderiam imaginar que o seu trabalho iria, quase um século depois, constituir objeto de graves e minuciosas pesquisas. Com efeito, filatelistas de renome, pertencentes à chamada "escola inglesa", passaram a estudar os processos técnicos com que se prepararam os selos da primeira emissão bra-

O serviço de cunhagem — Valor do "ólho de boi" — Os "inclinados" e os "ólho de cabra" — As "escolas" filatélicas — O aspecto comercial da filatelia (De "Digesto Econômico")

sileira. Verificaram que foram estampados, por chapas gravadas, com o emprêgo de dois recursos: a máquina de gravar a tórno e o buril. A primeira produziu o fundo sobre que o segundo, manejado a mão, foi insculpindo os algarismos, os ornatos e linhas de contorno.

A incisão correspondente aos números — 30, 60 e 90, no caso designando réis — não podia ter sido realizada diretamente. O gravador teria que encher os sulcos do guilochê, constituído de ornatos de traços ondulados, entrelaçados com simetria, para servir de fundo, cujos corpos brancos se destacam. Verificou-se, portanto, um transporte parcial nas matrizes, com um processo simultâneo de inversão.

Os estudiosos do problema chegaram à conclusão de que houve três matrizes primitivas, uma para cada valor emitido. Desta verificação passou-se a outra: os algarismos 30, 60 e 90 foram dispostos numa chapa única. Segundo as observações de C. L. Pack, uma tira vertical contivera dois selos de 30 e um de 60 réis. Isto provava que as chapas eram mistas. Estavam neste ponto as pesquisas a respeito, quando em 1910 o tenente-coronel George S. F. Napier iniciou uma série de trabalhos, a princípio com a colaboração de Stanley Mann, que o levaram a reconstituir as pranchas de gravação. Conseguiu, assim, determinar que os painéis dos três valores tiveram as mesmas dimensões e contiveram 18 selos cada um, dispostos em 3 filas de 6. Subsistiam, contudo, outras questões, que asseveravam Napier como verdadeiros "quebra-cabeças". Sómente em 1920 o meticuloso inglês conseguiu restaurar uma prancha de que proviera certo bloco de vinte selos de 60 réis distribuídos em 10 filas de 6. Quatro anos depois publicou um grande livro. Nêle registara todas as suas descobertas. O texto era acompanhado de 40 épuras com reprodução de pranchas. Título da obra: "The stamps of the first issue of Brazil".

Trata-se, contudo, de obra quase inacessível ao leitor comum, não apenas pelo seu caráter especializado, como também porque, escrita em inglês, teve uma tiragem limitada a 200 exemplares, custando duas e meia libras esterlinas, preço acima das possibilidades médias do brasileiro.

Tarefa muito mais suave foi a de Francisco T. Sanchez, que editava, em 1912, o "São Paulo Filatélico". Dirigiu-se por carta ao diretor da Casa da Moeda e pediu informações minuciosas a respeito da emissão do primeiro selo imperial. A resposta não tardou. A primeira chapa ficara pronta em 29 de abril de 1843. Ordenou-se a 19 de maio seguinte o início da impressão, feita nas oficinas da Estamparia das Apólices. Gravaram-se seis chapas, sendo 3 com 34 selos dos três valores e formadas por 9 carreiras de 6 selos; 3 carreiras de cada valor, uma com 60 selos de 30 réis e duas com 60 selos de 60 réis. Foram impressos 1.148.994 selos de 30 réis, 1.502.142 selos de 60 réis e 349.182 selos de 90 réis.

O tenacíssimo Napier, apesar de suas visões exaustivas, não conseguira tanto, tendo apenas, como tivera, por ponto de partida, uns tantos "ossos de Cuvier". Pode ser também que, para a sua mentalidade de filatelista, os resultados assim obtidos, pela via prosaica de um simples ofício de informação, não oferecessem méritos especiais nem encantos de vitória.

VALOR DO "ÓLHO DE BOI"

Esta a história do primeiro selo postal brasileiro, conhecido vulgarmente por "ólho de boi". O nome lhe foi dado, com um largo senso de pitoresco, por lembrarem os seus algarismos o globo ocular daquele quadrúpede. Hoje a sua fama é internacional e o seu valor, para os colecionadores, dos

A primeira emissão postal brasileira, que data de 1843, deu nascimento ao famoso "ólho de boi", no qual os entendidos apontam defeitos, irregularidades, discrepâncias na execução de algarismos, mas que por isso mesmo é considerado "verdadeira maravilha". O presente artigo procura dar uma idéia da importância crescente da filatelia no Brasil e de seu desenvolvimento comercial

mais elevados. No Catálogo de Selos do Brasil, editado em 1945 pela Filatelia Suíço-Americana, as espécies respectivas têm as seguintes cotações:

Não denteados, papel branco ou acinzentado			
30 réis preto	Cr\$ 1.400	Cr\$ 500	
60 réis preto	Cr\$ 1.000	Cr\$ 400	
90 réis preto	Cr\$ 4.200	Cr\$ 1.800	

Papel grosso			
30 réis preto	Cr\$ 1.600	Cr\$ 600	
60 réis preto	Cr\$ 1.100	Cr\$ 400	
90 réis preto	Cr\$ 4.500	Cr\$ 2.000	

A primeira coluna de preços refere-se a selos novos, em geral sem goma, e a segunda aos usados. A Filatelia Suíço-Americana, ao dar esta informação, julgou também de bom alvitre acrescentar o seguinte:

"Em virtude da grande escassez dos principais selos do Império, devem ser considerados como "nominais" os preços que lhe foram atribuídos no presente catálogo,



O selo "Saudade"

sendo o valor dos exemplares de luxo maior, e sensivelmente menor o da qualidade inferior".

Como se vê, o "ólho de boi" figura entre os espécimes de categoria. Não, porém, que possua grandes qualidades artísticas. Bem pelo contrário. Os entendidos lhe apontam defeitos, irregularidades, discrepâncias na execução dos algarismos, etc. Mas segundo o dr. Elisiário Bahiana, "a sua própria originalidade torna-os apreciados e fá-los destacar-se de seus similares; na diversidade de chapas e reincisões, retoques e regravações está o encanto mágico que seduz os estudiosos; a dificuldade de localizá-los e, principalmente, a documentação falha de sua origem, estimulando os filatelistas, levam-nos a considerá-los verdadeiras maravilhas".

OS "INCLINADOS" E OS "ÓLHOS DE CABRA"

Contudo, essa "verdadeira maravilha" teve na prática um destino bem precário. Emitidos em 1843, já no ano seguinte os "ólhos de boi" eram substituídos por nova série, a dos "inclinados", pois impressos em papel relativamente forte, com muita facilidade podiam ser retirados das cartas, quando não carimbados, ou carimbados insuficientemente, e aproveitados com prejuízo do fisco.

No dia 30 de março de 1846, no pátio da Casa da Moeda, foram queimados num feroçíssimo "auto-

-de-fé" nada menos do que 466.711 "ólhos de boi" dos três valores emitidos, ainda existentes em estoque.

Quanto aos "inclinados", segundo as determinações oficiais, deveriam ser "em formato menor, em papel mui fino, e com hum collar tal que seja muito difícil arranca-los inteiros".

Vejam a sua cotação em 1945:			
	Cr\$	Cr\$	
10 réis preto	75	30	
30 réis preto (1.º tipo)	80	40	
60 réis preto	60	25	
90 réis preto	300	200	
180 réis preto	5.000	3.000	
300 réis preto	7.000	4.000	
600 réis preto	7.000	4.000	

Estes preços se referem aos não denteados, papel cinza levemente azulado ou amarelado. Os em papel grosso são assim cotados:

Cr\$ Cr\$			
30 réis preto	350	250	
60 réis preto	100	60	
90 réis preto	450	300	

Há ainda, destes "inclinados", um segundo tipo de 30 réis, cotado a 75 e 40 cruzeiros, e uns de 90 réis, que apresentam um pequeno traço preto abaixo do zero e cujo valor nominal anda por 350 e 200 cruzeiros.

Depois desta emissão o Império, em 1850, lançou selos de algarismos verticais, logo em seguida, em 1854-1861, de outra do mesmo feitio. São os chamados "ólhos de cabra", todos bem cotados comercialmente, embora não cheguem aos preços excepcionais dos anteriores.

AS "ESCOLAS" FILATÉLICAS

Em artigo sobre "As pranchas dos "ólhos de boi", H. Flatau classifica as diversas "escolas" filatélicas conhecidas. A primeira a que se refere é a francesa. É a mais antiga e generalizada. Predomina no Brasil. Tem por objetivos apenas o colecionamento de peças cuja raridade e beleza deleitam o seu possuidor. Não tem grandes preocupações científicas. Restringe-se em enumerar os selos em ordem crescente das taxas, formando séries, e sem grande consideração pela ordem cronológica. Anexando-se a esta numeração diferenças de fácil apreensão por parte do leigo, como as relativas aos denteados ou matizes nas cores, quando bem pronunciadas. A estas características se dá o nome, bastante impróprio, de "variedades", sem se indagar de onde e como procedem.

Outro inteiramente é o espírito da "escola" alemã. Ela procura imprimir à filatelia um caráter decididamente científico. Considera-a um misto de história e ciência natural. Nela, a classificação ocupa um lugar de primeira plana, sob a influência da classificação natural da botânica. A questão ornamental cede assim a sua primazia, observável na "escola" francesa. Esta orientação reclama exame de todos os elementos do selo, desde os métodos de impressão e de fabricação do papel até a composição e aplicação das colas.

Quanto à "escola" inglesa, a que pertence o já citado Napier, volta-se de preferência para as chapas e pranchas dos selos, principalmente dos gravados e litografados. Tem assim, por finalidade

principal, individuá-los, localizá-los nas pranchas de impressão, valendo-se de suas particularidades, aparentemente desprezíveis. Procura, igualmente, caracterizar os retoques e o desgaste das chapas, e reconstituir as pranchas.

O ASPECTO COMERCIAL DA FILATELIA

Além de simples divertimento ou de atividade cultural, a filatelia é contemporaneamente um negócio. Há firmas que já se especializam na compra e venda de selos. Só em São Paulo sabemos de 15. Aqui, onde já existem grandes e importantes coleções, verificou-se um incremento de transações principalmente nos últimos 10 anos. O número de colecionadores cresce rapidamente, contando-se, por ano, a alguns milhares.

Em todo o Brasil, 50 firmas negociam no ramo, e o seu movimento atinge uma exportação anual de 3.000.000 e uma importação de 6.000.000 de cruzeiros. Noventa por cento desse intercâmbio é feito com os Estados Unidos, onde os selos brasileiros são muito procurados, principalmente em Nova Iorque. Sabe-se que ali uma coleção deles, avaliada em 7.500 dólares, atingiu realmente 15.000 dólares.

O mercado mundial de selos deslocou-se ultimamente da Europa para os Estados Unidos, cujo movimento anual chega a 200 e mesmo 300 milhões de dólares. Em todo o território norte-americano arrolam-se nada menos do que 5.000 negociantes do ramo, sendo que 380 só em Nova Iorque.

Paris, Londres, Amsterdam, Berlim, Nova Iorque foram sempre centros de grande atividade filatélica. Nessas capitais são frequentes os leilões de selos (dois ou três por semana), tendo cada qual um movimento que vai de 10 a 15.000 dólares.

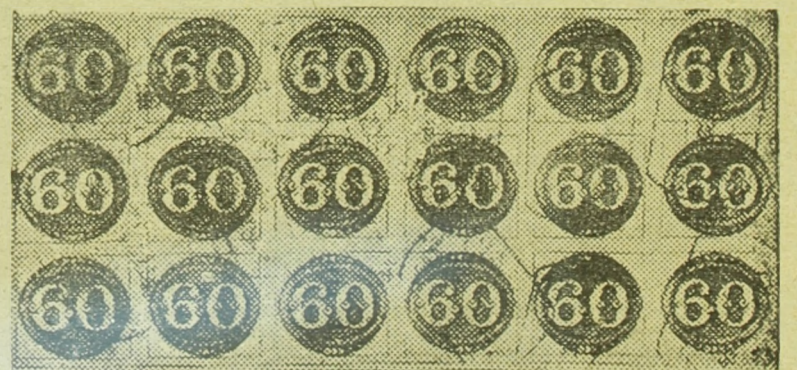
No Brasil, os valores nominais já estão sendo inteiramente superados por ofertas especialíssimas, relativas a determinados exemplares, que chegam a atingir de 20 a 50 mil cruzeiros para evidenciar que o gosto pela filatelia vai num crescendo. De resto, sabe-se que em todo o território nacional já existem funcionando cerca de 40 a 50 clubes dedicados a essa finalidade, com uns 5.000 filiados, além de inúmeros amadores. Só os de São Paulo contam com cerca de 700 membros. Os do Rio de Janeiro vão a 2.000.

São famosas, no país, duas coleções: a de Herman da Fonseca, avaliada em 4.000.000 de cruzeiros, e a do dr. Macedo Soares.

AS FALSIFICAÇÕES

Dados os preços astronômicos a que chegam algumas peças raras, compreende-se que os espertalhões procurem "fabricá-las", para impingir-las aos colecionadores menos precavidos. O "ólho de boi", por exemplo, tem sido alvo desses estratagemas.

Eis porque uma das condições exigidas para êxito nos negócios de selos reside na aprendizagem e na experiência, no mínimo de 5 anos. O comerciante que não conhece bem as séries principais, que não sabe como distinguir a "raridade" falsa da verdadeira, estará destinado à falência. Note-se, de resto, que os capitais necessários ao movimento das grandes firmas do gênero são realmente vultosos. A casa Harrys, de Nova Iorque, por exemplo, trabalha com 7 milhões de dólares.



Este bloco de "ólhos de boi" é da coleção do filatelista Fonseca Mendes e vale 200 000 cruzeiros.

Lúcia Suané está contando histórias

A mula sem cabeça é uma coisa realmente viva — Não tem nada de lenda nem de invencionice — Eu acredito nela, mesmo sem nunca tê-la visto — Um entêrro em que o defunto apanha para ficar mais leve — Uma pintora que faz milagres — “Chega, Irmão das Almas!”

Os quadros de Lúcia Suané são como um acalanto de histórias velhas. Vêm dos confins das gerações, de mãe-preta a mãe-preta, contados para amedrontar nenês de todas as idades.

Eu as ouvi, por muito tempo, durante as noites chorosas de minha infância, quando o enjamento me tornava ainda mais antipático. Esubalgava os olhos de medo, me via rodeado de todos aqueles fan-

Vem aqui, menininho. Deita a cabeça no colo da madrinha e ouve a história da mula sem cabeça...

Era uma vez... A história é verídica, meus senhores. Não tem nada de lenda, não tem nada de invencionice. A mula sem cabeça existe ainda pelos socavões crestados do nordeste, existe em São Paulo, existe no mundo todo. Eu nunca a vi, mas

leque como está erigido — parece um porco espinho. Pois meus senhores, a mula sem cabeça existe. Suané que o diga... Seu pai, velho senhor de engenho, já botou

ra. Quase todos levam facas à cintura. E o que vai atrás, carregando a rêde, segura vasto cacete, com o qual vai dando valentes varadas no defunto. Não sabem para que batem no defunto? Pois é para ele ficar mais leve. O defunto que apanha bastante fica mais leve e encurta a caminhada para o cemitério.

No Riacho do Meio, frente ao imenso canal, nós nos sentava-

sentávamos. Eram os sempre dezoito, fora as visitas. Basta ver o quadro de Suané, aquela vasta mesa, para saber como é no nordeste e em grande parte do norte. A história é toda contada pela pintora, com um carinho que só ela sabe dispensar às coisas de sua terra, da velha terra dos engenhos.

Estou vendo o carrousel, as vendedoras de puxa-puxa, o homem com as cabaças de garapa e

★
Texto de

ARGEU RAMOS

★

uma delas na canga. A taca comeu a noite inteira. No outro dia, dona Metolina, a dama do padre, estava de cama, moída... como se tivesse levado surra. E tinha levado mesmo.

*

Mas eu já ia me perdendo na contemplação única deste quadro de Suané. E ela apresenta muitos outros.

Vejo, por exemplo, este “Chega, Irmãos das Almas!” Que coisas conta ele? — perguntarão. Pois, não sabem? Eu lhes conto. Isto é um entêrro, sem organizações de luto, nem nada. É um entêrro de gente simples, que viveu entre as queimadas e os hirsutos matagais. Eles, os amigos, levam-no ao cemitério. Há uma vara comprida e atada a ela uma rêde, onde está o defunto. Eles vão gritando: “Chega, Irmãos das Almas!” Vão gritando. Gritando e correndo. O menino leva umas flores de mangericão ou mata pasto grande. Um camarada leva uma faca à cintu-

O ESPELHO - invenção veneziana?

★

Não é difícil, mas quase impossível dizer-se com segurança quando foi inventado o espelho. O mais possível é que nossa mãe Eva se tenha debruçado sobre um arróio ou um lago para contemplar a formosura do seu rosto ou a beleza do seu corpo. As primeiras referências precisas que se têm a respeito, são as que aparecem na Bíblia, segundo as quais os vidros para as abluções que os hebreus levaram ao tabernáculo haviam sido fabricados com os espelhos das mulheres. No interior das tumbas egípcias, gregas e fenícias foram encontrados espelhos de metais, principalmente de bronze, enquanto que numa antiquíssima sepultura de Sparta encontrou-se um disco de metal muito parecido com o aço e tão brilhante como a prata polida. Em Roma, capital do mundo antigo, as matronas patrícias empregavam duas espécies de espelhos: alguns de cobre, de forma convexa, perfeitamente polido, e outros formados por dois discos unidos por um gonzo minúsculo.

Narrações de diferentes autores mostram que os povos da antiguidade usavam certa classe de pedras que, sem polimento, podiam competir com certa espécie de “cristalino” que atualmente se emprega na indústria mobiliária.

Plínio, por exemplo, fala de uma valiosa esmeralda que Nero utilizava à guisa de espelho. A maioria dos exploradores do arquipélago malaio assegura que ainda existem tribos inteiras que usam determinada espécie de lava negra, à moda de espelho.

O evidente, o que não deixa lugar a dúvidas, é que o espelho, tal como o conhecemos, foi inventado em Veneza e de lá levado para a França por Colbert.



A varanda da Casa-Grande

mos no chão batido, enquanto minha mãe acalentava o nenê. A paisagem é a mesma de Suané. Parece que essas paisagens são como pingos de cêra de velas mortuárias. As mesmas, extraordinariamente iguais. E minha mãe cantava como parece cantar a figura que Suané pintou:

Nãna, nenen,
Que o bicho logo vem...
Papai foi na roça,
Mamãe logo vem...

Há até a gaiola. A gaiola de buriti, onde a asa branca, pelas longas tardes quentes, canta sonolentas e tristes canções de saudade.

Meu pai tomava a cabeceira da mesa e só depois nós outros nos

vendedor de balões. Tudo isto estou eu vendo nos admiráveis quadros de Suané, que realizou o extraordinário milagre da ressurreição. Este velho e cansado espírito, este decepcionado homem sóto no universo triste, se fez de repente menino e teve medo da mula sem cabeça. Sim, eu estou com medo da mula sem cabeça, e nem aquela Nossa Senhora que vai sendo levada em procissão, com os anjinhos, o padre e a Verônica, ninguém me pode arrancar esse medo danado que me arregala os olhos e empina os cabelos.

Seria necessário que minha mãe viesse e cantasse a cantiguinha gostosa, embalando a minha rêde:

Dorme, dorme filhinho...
Meu anjinho inocente...

As mulheres e os perfumes

Segundo a opinião de um conhecido perfumista francês, há poucas mulheres que saibam, realmente, a maneira de se perfumar, e o perfume que mais lhes convenha.

Há muitas mulheres que gastam rios de dinheiro em perfumes caros, convencidas de que todos os perfumes as favorecem, usando-os em todas as horas e para todas as ocasiões.

INUTILIDADE

A marechala de Lefebvre, conhecida por “Madame Sans-Gené”, possuía um coração de ouro, mas era a criatura de maneiras rudes e primitivas. Certa ocasião, em que comprou um palácio, percorria com a caseira todos os aposentos quando deparou um grande salão cujas paredes estavam forradas de estantes.

— Que vem a ser isto? — perguntou.

— Aqui é a biblioteca — respondeu a caseira.

— E para que essas estantes?

— Para pôr os livros.

A marechala meditou um instante e depois exclamou:
— Eu não leio e meu marido não tem tempo para essas coisas. De hoje em diante esta sala ficará sendo a despensa...

Dizem os perfumistas que os perfumes leves convêm às louras e devem ser adoptados para o desporto e para a rua em geral, enquanto que os perfumes mais pesados se adaptam melhor às morenas e devem ser os preferidos para a noite. Também é um fato bem conhecido que há perfumes, cujo aroma se modifica em contacto com os vários tipos de pele em que se aplica.

Os perfumes nunca devem ser deitados sobre o vestuário, visto que o seu cheiro se pode deteriorar e tornar desagradável. Deverá aplicar-se, o perfume, levemente, no lóbulo da orelha, sobre o cabelo, no pescoço, ou muito suavemente no lenço e na roupa interior. As mulheres nunca deverão usar perfumes em excesso, porque tal excesso deixaria de ser sutil, de modo que ainda que o perfume fosse muito fino o seu aroma tornar-se-ia ordinário e vulgar.

A pessoa que se perfume deixa de sentir o aroma que traz consigo, pouco tempo depois de o ter aplicado, mas as pessoas que a rodeiam, senti-lo-ão em toda a sua intensidade.

Os perfumes das flores são geralmente os mais finos. Podem mesmo combinar-se com os aromas de duas ou mais flores, para se conseguir uma essência mais delicada e nova; para que esta seja duradoura, convém juntar-lhe umas gotas de almíscar ou de âmbar.



A legendária “mula sem cabeça”

tasmas milenares e os cabelos entendiam que a cabeça fazia parte dos lugares por onde andavam as almas penadas.

— Eééé... ôôô!...

O eco sonâmbulo, o eco de minhas próprias visões se projetava pelas quebradas, corria grotões assombrados, subia morros solitários, batia nos paredões do infinito e voltava ainda mais amedrontado.

Eu ouvi todas as histórias que Lúcia Suané hoje conta. Encerravam elas, então como agora, a ingênua credulidade de todos nós, os nossos meninos, o mesmo toque de surpresa extraordinária que a pintora neste momento lhes empresta.

Eu me faço menino de novo, diante dos quadros de Suané. Tenho a impressão de que são meus, de que todas essas histórias bem bonitas, histórias encantadas, sou eu quem as está contando.

Notícia histórica sobre Casa Branca

Os primórdios da povoação datam de 1810. Fundaram-na os irmãos Lara, primeiros povoadores da Estiva, o padre Francisco de Godoi e José Antônio de Almeida, os dois últimos procedentes de Itú. O pouso, pequena casa criada à tabatinga, erguia-se no sopé da colina, à margem da estrada real. Era a rancharia de um certo Nazaré, hospedeiro de viandantes. Quem na primeira década do século passado, demandasse as províncias de Goiás e Mato Grosso, havia de passar por esse sítio, então chamado pouso de casa branca. Era ele o átrio da zona sertaneja. As caravanas do sertão, partindo de Mogi Mirim, vinham ter ao pouso, onde pernoitavam, para, depois, reencetarem a marcha, rumo do Oeste.

Em 1811, fôra rezada pelo Rev. Francisco de Godoi no arraial nascente, a primeira missa. A carta régia de 12 de dezembro de 1814 elevou-a à Freguesia, com a invocação de Nossa Senhora das Dóres. Em 1815, o governador da Capitania, D. Francisco de Assiz Mascarenhas, conde de Palma, ordenou a vinda de famílias açorianas e estabeleceu em Casa Branca um núcleo agrícola. Para esse fim, doara o coronel José Vaz de Carvalho uma sesmaria de terras, medindo uma légua de frente por duas de fundo. Eram vinte famílias açorianas. Logo ao chegarem, desanimadas ante

as gigantescas árvores que eram forçadas a derribar para o amanho da terra, pediram, consoante o depoimento de Saint-Hilaire, a D. João VI, permissão para se retirarem de Casa Branca. O rei fez-lhe mercê. Os açorianos foram removidos para Curitiba, ficando alguns em Santos, na antiga fazenda dos Jesuítas.

Casa Branca, com a saída dos açorianos, ficara quase deserta. Entretanto, desenvolveu-se rapidamente a povoação, em virtude da sua situação especial, na estrada que levava aos sertões de Goiás e Mato Grosso. Elevou-se à categoria de Vila pela Lei Provincial de 25 de fevereiro de 1841. Depois, à de Cidade pela Lei Provincial n. 22, de 27 de março de 1872, e à Comarca, pela Lei n. 46, do mesmo mês e ano.

VENENOS

Os mais fortes e mais poderosos venenos são puramente de origem vegetal. Assim sucede, por exemplo, com o curarê, que produz os seus efeitos na dose de um centimiligramo. Os venenos mais violentos e as substâncias que produzem efeitos piores no estômago são pertencentes ao reino vegetal. As drogas minerais que envenenam são relativamente poucas e numerosas.

O S Lefebvre atravessavam uma hora lúgubre, uma dessas horas de fim de mundo, em que só se espera a morte. Tinham comido apenas pão sem manteiga — uma libra para cinco pessoas. Um crepúsculo vermelho cobria o quarto pobre em que havia somente duas cadeiras estripadas, uma velha mala, servindo de mesa, e três colchões com os intestinos de palha à mostra. Jacques Lefebvre roía-se por dentro, com a cabeça entre as mãos, incapaz de compreender o encarniçamento da sorte adversa.

Três meses de doenças, quatro de procura de emprêgo, a terrível caçada na floresta social, homens ásperos como feras e tão indiferentes como as árvores, as pedras e as águas. Em tempos de miséria, tudo é miséria. É a avalanche que arrasta as outras avalanches. Jacques e a mulher haviam lutado com toda a sua frouxa energia. E essa energia havia-se quebrado a cada volta da estrada.

Aqui e ali, de quando em vez, um trabalho fugitivo, um magro lucro logo esgotado, enquanto que o humilde mobiliário se vai acabando peça por peça. Apenas um parente, e esse, rico e implacável, alma de avarento, gelada, inexorável, que as suas súplicas fizeram estremeecer, mas de enfado e impaciência. A morte? Jacques olha a sua mulher pálida, de faces encovadas, cujos olhos se fizeram si-

instrumento, a pena, e o servo de obscuras papeladas...

— A sorte mudará! — murmura a senhora Lefebvre com voz fraca. Mais um pouco de coragem, meu pobre amigo!

Na sua alma de mulher, o otimismo é mais profundo. Ela aceita os azares, essas circunstâncias absurdas que turbilhonam em torno das criaturas e que descoroçoam a lógica de Jacques. Entretanto, a sua força está nas últimas. Mais alguns golpes e, como ele, a pobre senhora lamentará a vida. Abraça e beija as filhinhas, num gesto de proteção, ao passo que Lefebvre chama a si o pequenino Pierre, de olhos febris, que tiritava, que parece mais vibrante que de costume e que abraça o seu protetor com uma violência selvagem.

O crepúsculo amontoa as suas belas mentiras entre as nuvens. A claridade vai decrescendo no quartinho humilde...

A campainha da entrada vibra. Todos têm um sobressalto. É a voz de fora, a voz que traz misteriosas notícias. É o temor e a esperança: ameaça ou promete, feroz ou consoladora, tão selvagem como um berro, acariciadora como o sussurro das fontes.

Tremendo, a senhora Lefebvre encaminha-se para a porta. É um homenzinho sêco e franzino, glabro como um ator, dotado de umas pupilas que ao mesmo tempo veruramam e fogem.

Depois, Jacques emitiu um grito rouco em que se percebia uma enorme libertação — e a face muda da senhora Lefebvre não exprimia outra coisa.

O recém-chegado teve um gesto de desapontamento:

— Não esperavam a notícia, não é?

— Não, — respondeu gravemente Jacques. Nós a esperávamos tanto como a um terremoto...

— São os únicos parentes? — Somos. Eu e minha mulher somos os únicos parentes do morto no mesmo grau.

— Por consequência, os únicos herdeiros do senhor Celestino Lefebvre. Estão certos disso?

★

Conto de

J. H. ROSNY AINÉ

★

— Absolutamente certos.

— Muito bem! — declarou lentamente o temível homúnculo. A sua situação é grave.

— Ia falar, quando as suas pupilas se fixaram nas crianças. Mordeu o lábio.

— Desejava dizer-lhes algumas palavras em particular, disse ele cortemente.

Jacques avançara para o homem. A sua palidez era ainda maior. A

Então, a contragosto, ele decidiu-se a obedecer e levou as meninas.

— Estamos sós, murmurou Jacques. Que quer o senhor dizer?

— Quero dizer, declarou o homem com a mesma impressionante lentidão, que pesa sobre os senhores uma acusação formal.

Lefebvre deu um salto?

— Uma acusação? Sobre mim?

As mãos e os joelhos tremiam-lhe. A cólera fazia-lhe palpitar as têmporas. Viam-se palavras a agitar-lhes os lábios e a perderem-se num murmúrio.

Conseguiu articular:

— É um absurdo e uma infâmia!

— E uma imperdoável covardia! — declarou a senhora Lefebvre, falar assim sem uma base!

— Não sou eu quem os acusa, declarou quase melancolicamente o homem, é o próprio morto!

Um silêncio, Jacques e a mulher, cabisbaixos, sentiram passar sobre eles uma ameaça obscura. Aquela hora, que devia ser a hora da libertação, iria ser mais feroz que as outras?

A senhora Lefebvre foi a primeira a reagir:

— Quem é o senhor? — indagou do visitante. Em nome de quem e de quê vem atormentar-nos em nossa miséria?

— Sou André Maurain, inspetor da Segurança! — declarou ele, friamente.

A resposta era esperada. Não trouxe maior comoção aos infeli-

— Suas observações são lógicas, murmurou ele — demasiadamente lógicas! E não encontra o senhor, na verdade, outro meio pelo qual se pudesse impedir a vítima de fugir?

— Há um! — interveio ousadamente a senhora. Ao fugir, o assassino teria tido tempo de fechar a porta à chave!

— Justo! — exclamou Maurain, com todos os músculos do rosto crispados pela atenção. Mas a vítima podia abrir a janela...

— Senhor! — exclamou a pobre senhora com desprezo, não o nos tente lançar numa armadilha! Todas as janelas da casa do nosso tio são guarnecidas de grades de ferro. Portanto, mesmo no andar térreo, ele não podia sair!

— A senhora está bem informada, minha senhora! — notou friamente Maurain.

— Infelizmente, é verdade! — interveio Jacques. E o senhor bem vê que não ocultamos nada. Em resumo, nosso tio devia estar só... com toda certeza chamou alguém... depois, vendo que ninguém aparecia...

— Pelo menos, não quis que o crime ficasse impune! — terminou rudemente o inspetor.

— Mas não poderia ter-nos acusado!

— Acusou-os, sim!

— Em termos formais?

O detetive não respondeu. Cruzara os braços. Refletia. E afinal, num tom distraído:

A flexa envenenada

nistros, como achatados nas órbitas. Olha para as duas filhas, que deixaram de crescer e mostram a pele de papel sobre os ossos precários e o menino herdado do seu amigo Houel, que ele se habituou a considerar seu próprio filho. Essa pobre criatura, além da fome e da miséria, é roída por outro mal e esse hereditário, a que não pode escapar...

— Então, acabou-se tudo? Sonha ele alto... Quando há tanto pão, tantas riquezas!

Lamenta não ser um artesão. Imagina que os que trabalham com os seus braços descobrem recursos desconhecidos, ao passo que um escriturário, com o seu único

— Tenho a honra de falar ao casal Lefebvre? — indaga ele com voz fanhosa, depois de um olhar que "arranhou" os rostos.

— Sim, senhor! — respondeu a senhora, com lassidão.

— Bem! Muito bem! — fez o homenzinho, entrando a passos miúdos. É que tenho uma notícia grave a dar-lhes...

Deteve-se. Pareceu escutar o silêncio dos infelizes, um silêncio ávido e boquiaberto. Depois, descarregou o golpe:

— Morreu o seu tio Celestino Lefebvre!

Seus olhos arredondaram-se, como que a fotografar as atitudes.

Foi a princípio uma surpresa parecida com o terror.

senhora Lefebvre mostrava um rosto crispado, mas contudo mais calmo que o do seu companheiro.

— Pierre! disse ela, vontando-se para o menino. Vá passear com as crianças, meu filho. Quanto tempo será necessário? — indagou do desconhecido.

— Uma meia hora, talvez, minha senhora!

— Ouviu, Pierre? Vá meu filho!

Pierre hesitava. Uma emoção terna e violenta vibrava em sua boca. Mostrava-se em extremo nervoso, parecendo querer precipitar-se diante de Lefebvre.

— Vai! — repetiu a senhora Lefebvre.

zes, mas fê-los sentir melhor o frio de aço da situação. Deu-lhes até mais firmeza, por um fenômeno psíquico bem conhecido, que desde a infância torna a maior parte dos homens mais assustados diante de um perigo obscuro que de um definido.

— Se bem compreendi, disse Jacques com voz sumida, o nosso tio acusou-nos antes de morrer... Isso me parece quase impossível... a menos que seja um caso de delírio!

— Ele não disse. Escreveu-o!

— Ainda compreendo menos. Como pôde escrever, se morreu assassinado? Não creio que isso seja um segredo.

— É acaso isso um segredo para o senhor? — perguntou maliciosamente o policial.

— O senhor deve ter alguma experiência dos homens! — gritou Lefebvre com veemência. Olhe-nos bem, senhor, ouça-nos. Estou convencido de que não temos cara de assassinos!

— Não! — disse francamente Maurain. Mas se o senhor houvesse estado alguns anos na Segurança, saberia que quase sempre são os inocentes que têm cara de culpados e os culpados os que têm modos de inocentes!

— Seja! Em todo caso, como a sua pergunta não nos perturbou, creio que o senhor pode passar adiante. Como foi assassinado o nosso tio?

— Ferido com uma flecha envenenada pelo curare. Isso não lhe diz nada?

— Realmente, meu tio viajou muito e colecionou armas exóticas. Pode ser que a flecha lhe pertencesse.

— É exato. Foi surpreendido, no momento em que examinava uma parte da sua coleção, por alguém que estava bem informado, como o senhor! E isto só, à falta de outra prova...

— Compreendo! — interrompeu Jacques com amargura. E ao ser ferido, escreveu para me acusar? É fantástico!

— Por que?

— Pois não devia ele cuidar primeiro de pedir socorro? E depois fazer vir um médico?

— E se o assassino o impossibilitou de fazê-lo?

— Mas, como? Teria sido necessário amarrá-lo, deixando-lhe uma das mãos livres, com tinta e papel ao seu alcance!

O inspetor fez de novo aquele olhar com que os homens da sua profissão tentam perturbar os que eles inquirem.

— Afinal de contas, sempre é melhor confessar!

— É absurdo! — gritou Jacques, encolerizado. Não acreditamos que o senhor nos julgue culpados. Faça o favor de dizer-me o que continha a declaração do meu tio... porque, de qualquer modo, acabarei por conhecê-la.

— Seja! Ela continha estas quatro palavras: "Foram meus herdeiros que..."

— É tudo?

— Tudo!

— Não é uma acusação... sobretudo, não é uma acusação formal...

— O senhor acha? Pelo que vejo, é exigente!

Novo silêncio. Afinal, Jacques continuou, com grande calma:

— A que horas foi cometido o crime?

— Entre as duas e as três da tarde.

— Pois bem, senhor! Entre as duas e as três da tarde, fiz três visitas sucessivas, todas elas no 17.º distrito... a negociantes. O primeiro recebeu-me às duas horas e poucos minutos, o segundo às três e meia e o terceiro antes de quatro horas. E estive à espera, nos vestíbulos. Como o crime se passou em Gentilly, a impossibilidade deve parecer ao senhor suficientemente demonstrada.

— Quanto a mim, acrescentou ironicamente a senhora Lefebvre, considerando que devo ser tão suspeita quanto meu marido, posso fornecer alibis de igual precisão. Vamos dar-lhe o nome das pessoas cujos testemunhos apresentamos. Se o senhor tem consciência, deve agir sem demora; seria cruel deixar na incerteza pobres infelizes que morrem de miséria!

Essas últimas palavras, pronunciadas com uma patética simplicidade, comoveram positivamente o inspetor. A astúcia, a frieza, desapareceram por um momento da sua voz e do seu rosto.

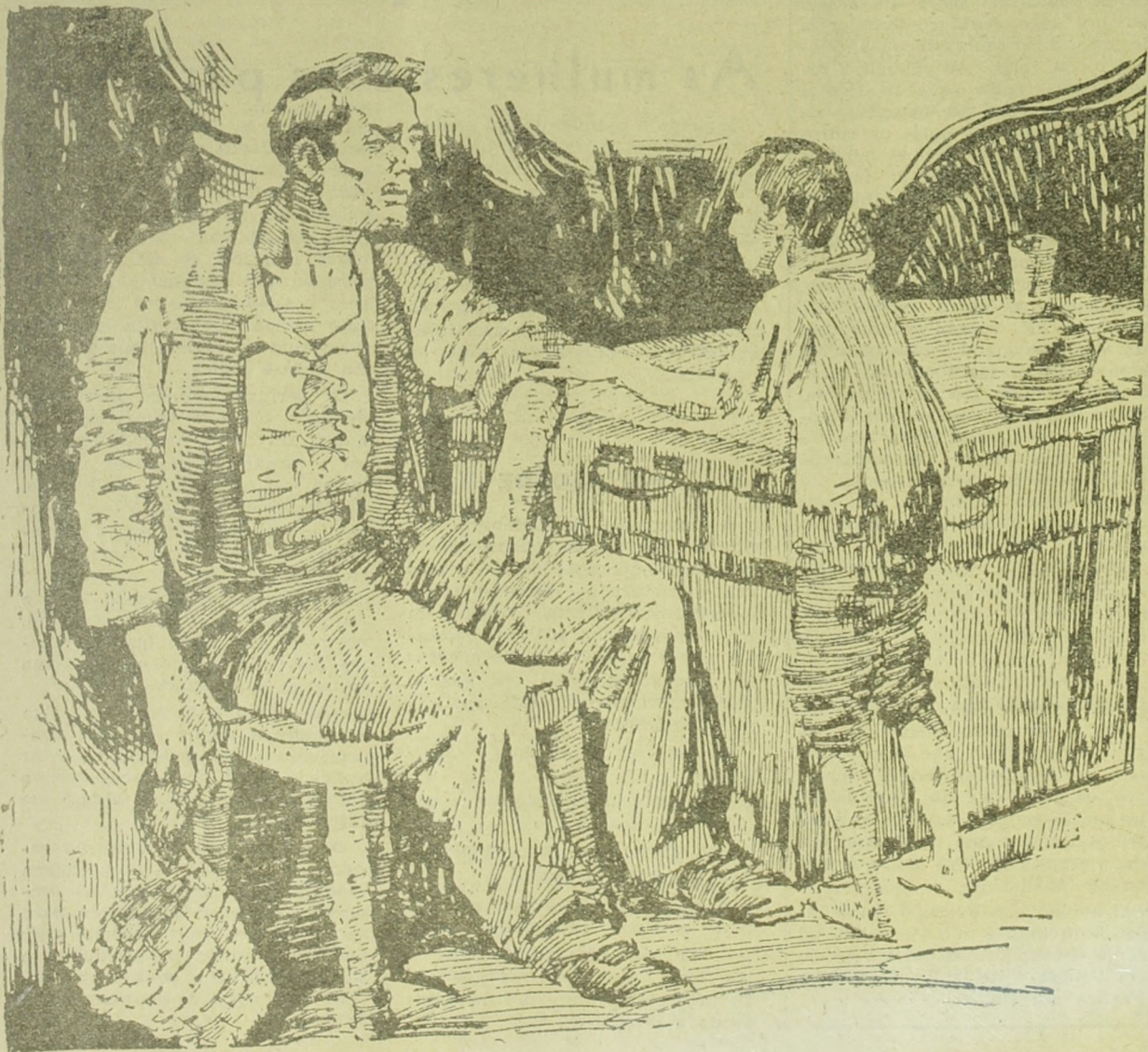
E ele respondeu delicadamente:

— Prometo-lhes que vou agir com a maior presteza possível. Começarei o meu inquérito hoje mesmo, à tarde. Entretanto, peço-lhes que não saiam senão para irem aos seus fornecedores, até que eu haja verificado as suas informações. Se não forem culpados...

— Nós somos inocentes! — declarou Jacques, num tom profundo.

O inspetor tomou rapidamente os nomes e os endereços úteis.

— Para agir com absoluta eficiência, eu necessitaria da sua presença. [Conclui na página-seis]



Toscanini regerá novamente no "La Scala" de Milão

Um pouco da história do famoso teatro — De centro social ao mais prestigioso templo da arte lírica do mundo — Moliban, Giudita Pasta, Tamagno... — Franco Faccio e Artur Toscanini — A reabertura, com a Sinfonia de Beethoven.

Por estes dias terá lugar a reabertura do Teatro "La Scala", de Milão. A reabertura do famoso teatro constitui acontecimento artístico de excepcional importância para a Itália inteira e especialmente para o povo milanês. O mundo também, pelos seus músicos todos, encara o acontecimento com simpatia e respeito — mais do que com simpatia e respeito, mesmo com paixão.

Sobreleva ainda o acontecimento em categoria mais excepcional, considerando o fato assaz auspicioso, de que caberá a Toscanini, regente sem par na história da música orquestral contemporânea, empunhar a batuta na noite de reabertura. Quando Toscanini subir o tablado da regência, ao seu comando estarão alinhadas, disciplinarmente, grandes massas orquestrais e corais atentas aos seus sinais. E quando ele descer a batuta, então, uma catadupa de sons inundará o salão, na maior glorificação ao famoso teatro, que as condições políticas do mundo relegaram transitariamente ao ostracismo.

O Teatro "La Scala", obra do arquiteto Giuseppe Piermarini, foi inaugurado na noite de 3 de agosto de 1778. A sobriedade das linhas, a magnificência das decorações, a amplitude da sala, a comodidade das localidades conquistaram logo o favor dos italianos, que correram àquele ponto faustoso, onde se podiam reunir, palear, divertir-se, ampliar as restritas relações sociais da época. Não que excluíssem a atração delectosa da arte: ao contrário, os cantores mais famosos e "virtuosos", arrebataavam aos céus os venturosos espectadores. Surgia precisamente a esse tempo uma multidão de maravilhosos intérpretes da mais pura arte italiana, feita de luz e ar, de sol e paixão, que se expandia livre pelo mundo e magnetizava.

Os cantores eram: Malibran, Pasta, Meric-Lalaude, Ungler, célebres sopranos; os tenores Rubini, Donzelli, Crivelli, Marchesi; os baixos Lablacke, Marini, Remorini... Com estes grandes artistas, um grupo de compositores eleva o nome às culminâncias: Galiéri, Cimarosa, Paiselo. Entre eles, refulge o "astro" maior: Rossini, e flamejam as constelações: Belini e Donizetti... Seguem-se depois Adelina Patti até Francesco Tamagno. Esta é a época de Giuseppe Verdi, na qual o cantor continua a ter preponderância absoluta na obra de arte. O compositor se preocupa em tirar o melhor proveito possível dos dons primorosos que o intérprete possui. Escreve "à parte" especialmente pa-

ra ele, a tal ponto que, desaparecido o artista para a qual foi composta, muitas óperas não produzem mais o efeito idealizado e se tornam de difícil encenação. Exemplos foram "Guilherme Tell" que Rossini escreveu para o tenor Gayarre e "Otelo", criado por Verdi para as prodigiosas cordas vocais de Tamagno.

O tempo passa e também se modifica a norma dos compositores de se preocuparem com os artistas do canto, como via direta de sucesso público. Utilizam-se agora dos regentes e surge então, logo de início, o nome de Franco Faccio, que, com sua elevação à re-



Artur Toscanini

gência do "La Scala", dá início ao importantíssimo período da arte musical em que o primeiro intérprete vem a ser o diretor da orquestra. O maestro é agora a flama que escalda, a luz que ilumina. Foi devido a esta nova tendência, que as óperas de Wagner puderam ter lugar no palco do famoso teatro. Na noite de Santo Estéfano, de 1889, sob a direção de Franco Faccio foram representados os "Mestres Cantores", de autoria do compositor germânico, e foi esta a primeira revelação na Itália de um tipo admirável de comédia lírica. No mesmo tipo, seguiu-se o "Falstaff", de Verdi, que comemorou com a representação de tal obra prima, a nove de fevereiro de 1933, no mesmo teatro que vira nascer sua glória, o 80.º ano de idade, e encerrou a carreira teatral admirado, venerado por toda uma nação que o tinha como um tutelar.

Em seguida, subiram à regência do "La Scala" os maestros Mascaroni, Ferrari, o celebrado compositor Mascagni. Depois então emerge rápido a figura do novo grande diretor de orquestra: Arturo Toscanini. O maestro Toscanini apareceu ao público milanês, como diretor de ópera, na noite de Santo Estéfano e — coincidência — numa homenagem digníssima de grande artista a outro artista, sua batuta se levantou sobre as páginas da mesma partitura sobre a qual caíra oito anos antes a batuta fatigada de Franco Faccio.

Desde então, por muitos anos, foi ele soberano do "La Scala", tendo sempre muito alto o prestígio, a glória e o nome deste teatro, até que, até que...

... ocorreu o célebre episódio, de todos conhecidos, e que obrigou o notável artista a exilar-se.

Por demais conhecida a existência deste homem admirável, para que a qualquer ensejo repizemos sobre ela. É de todos sabido que, de modesto violoncelista de orquestra, em memorável noite operística realizada no Rio de Janeiro, ele subiu à categoria de regente. Desde então subiu sempre e quando o artista parecia não mais poder atingir a qualquer outro cume, pois a todos já subira, para sua maior glória, eis que identifica seus sentimentos de homem com a sua arte. Rumando da Itália para os Estados Unidos, no período da política que antecedeu a guerra, Toscanini encontrou na sua pátria adotiva o ambiente acolhedor propício para desenvolver — senão o artista que, por completo, nada mais possuía para completar-se — suas atividades, agora em pleno apogeu do sinfonismo, da música de concerto.

Quando há pouco, Milão caiu e retornou à categoria de cidade livre, o primeiro grito, o primeiro anseio do homem milanês, foi rever Toscanini. E, imediatamente, afixaram nas paredes, apelos a ele dirigidos e assim escritos: "Toscanini, volta à Milão". "O La Scala" espera-o..."

É a este apelo que o glorioso regente agora atende. Retorna à estante do teatro que tanto amou e para cujo prestígio constituiu-se em um de seus maiores artistas. Ele volta à Itália, venerando a idade de 80 anos. Será, mais do que nunca, respeitado, venerado, amado. E com certeza, na sua memória, no íntimo da sua consciência, agradecerá a Deus pelo seu destino, que, sem um gesto dele pessoal, lhe ofereceu todas as reparações morais que estavam a exigir a sua vida de artista e de cidadão.

Um herói brasileiro na campanha pela unificação da Itália

André Aguiar, o "Moro di Garibaldi", uma sugestiva figura de guerreiro e idealista, faleceu em 1849 na defesa de Roma.

Em 1848 as populações italianas da Lombardia se revoltaram e, em cinco dias — fato militar inexplicável — o povo expulsou um exército de vinte mil homens, das melhores tropas austríacas e comandado por um dos mais hábeis generais da época, o general Radetski.

Em fins desse mesmo ano, depois de uma campanha desastrosa, comandada do lado italiano pelo rei Carlo Alberto Carignano di Savoia, os austríacos voltaram a Milão.

Mas, os batalhões lombardos que não se sujeitaram, constituídos pela fina flor da juventude daquela região italiana, retiraram-se para Roma, de onde naqueles tempestuosos tempos havia saído o Papa Pio IX, tendo-se proclamado a República Romana, sob a chefia de Mazzini e defendida por Garibaldi.

O "MORO DI GARIBALDI"

Entre as famílias lombardas que tiveram elementos na campanha, a maioria dos quais mortos heróicamente, falava-se muitas vezes no "Moro di Garibaldi", que havia morrido no mesmo dia que o chefe do batalhão lombardo, Luciano Manara.

Esse "Moro di Garibaldi" era um brasileiro, chamado André Aguiar, que combateu com bravura, primeiro no Brasil, na revolução farroupilha e depois na Itália, sempre junto a Garibaldi.

A participação de André Aguiar nas lutas pela unificação da Itália está largamente provada, entre outros documentos pela ordem do dia do quartel-general da República Romana, assinada pelo próprio Garibaldi. É o seguinte o texto desse documento:

ORDEM DO DIA DO QUARTEL-GENERAL ROMANO

"República Romana. Do Quartel-General de San Pietro in Montorio. 1.º de julho de 1849. Ontem foi um dia fecundo em feitos de armas, perdas e sucessos. Ontem a Itália passou a ter novos mártires. O coronel Manara deixou um vácuo nas fileiras republicanas dificilmente preenchível — jo-

DEFENDA-SE DO CANCER!

Conheça os 7 sinais de alarme

- 1 — Feridas que não cicatrizam, particularmente, na língua, lábios ou boca.
- 2 — Caroços, lobinhos ou zonas endurecidas, sobretudo nos seios, língua e lábios.
- 3 — Perdas de sangue anormais ou irregulares, por qualquer orifício do corpo.
- 4 — Alteração de cor ou de tamanho de verrugas, pintas ou sinais.
- 5 — Perturbações persistentes do estômago, principalmente má digestão, falta de apetite.
- 6 — Rouquidão permanente, tosse sem motivo aparente, dificuldade para engulir.
- 7 — Alterações ou anormalidades da função intestinal.

Campanha patrocinada pela Seccão de Propaganda e Educação Sanitária

vem de merecimento e valor surpreendente, foi atingido pelas balas inimigas quando sustentava corajosamente a Villa Spada contra um inimigo muito superior. — A América deu também ontem, com o sangue de um seu valoroso filho, André Aguiar (André Aguiar), uma demonstração do amor dos homens livres de todas as terras pela nossa belíssima e desafortunada Itália...

GARIBALDI



MAIS ALGUNS DADOS SOBRE ANDRÉ AGUIAR

Esse humilde brasileiro que foi encontrar em terra estranha uma morte gloriosa, gozou sempre da maior estima de Garibaldi e seus comandados, que viam nele um companheiro de ideal e não se preocupavam com a cor da sua pele.

Era, realmente, preto, e não deixa de ser curioso recordar que um pr efo morreu na defesa da Roma Eterna.

André Aguiar, não fosse a raça a que pertencia e que estava escravizada no Brasil, talvez não sentisse como sentiu um tão forte anseio de liberdade e não se arrohasse a acompanhar o Herói dos Dois Mundos e a partilhar da sua sorte.

Faleceu lutando contra soldados franceses mandados pelo presidente Luís Napoleão (mais tarde imperador sob o nome de Napoleão III) para sufocar a nascente República Romana. Comandava os franceses o general Oudinot.

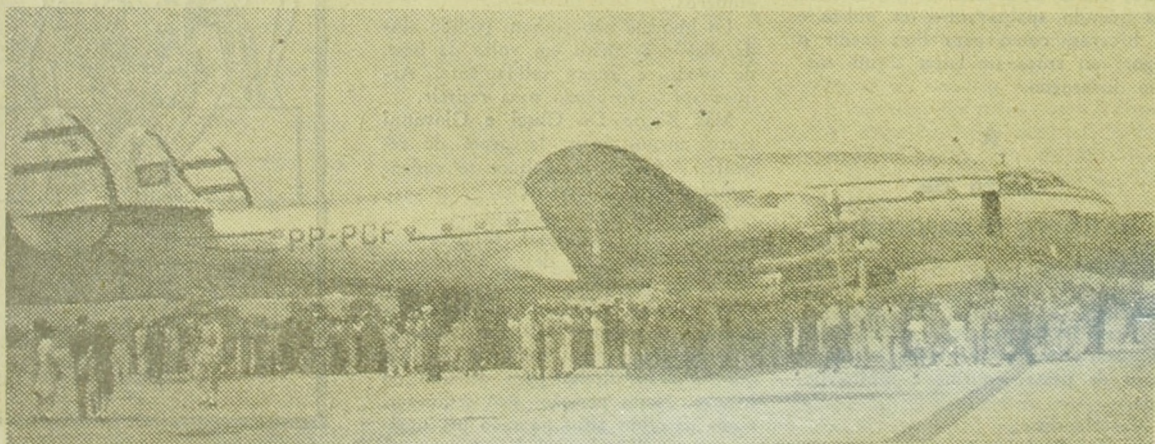
Já o rei de Nápoles e a rainha da Espanha haviam enviado tropas que foram facilmente desbaratadas pelo general Garibaldi.

Ferdinand Lesseps — o mesmo que mais tarde abriu o canal de Suez — e que naquela época representava a França junto à República Romana, de boa fé havia convencido os triunviros romanos de que o general Oudinot vinha como amigo. Logo, porém, que o contingente chegou a Civitavecchia, Oudinot revelou seu verdadeiro fim e, em vista disso, Lesseps pediu demissão do cargo.

As presentes informações sobre André Aguiar são as primeiras que aparecem em língua portuguesa, constituindo portanto, uma contribuição de inestimável valor para o perfeito conhecimento de um período importante da história pátria e da Itália. (De "Vamos Lêr")

Editor responsável:

SERVIÇO AUXILIAR DE IMPRENSA [SAI]
Rua Boa Vista, 234 — São Paulo



LINHA AÉREA RIO-LONDRES — O "Constellation", primeira unidade da Panair do Brasil em serviço regular entre nosso país e a Grã-Bretanha, transporta 43 passageiros e 11 tripulantes, possui 4 motores de 2.500 HP, tem um raio de ação auto-suficiente de 7.380 quilômetros